



4206 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT24 - Educação e Arte

Consonâncias Culturais e Pedagógicas da Arte/Educação e da Educação Integral na perspectiva da Educação Popular
Maria Margareth de Lima - UFPB - Universidade Federal da Paraíba
Orlandil de Lima Moreira - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Este estudo nasce das inquietações referentes a necessária efetivação de um projeto educativo de sociedade em contraposição a realidade excludente. Toma a Educação Popular como base para refletir a arte/educação e a Educação Integral, buscando, a partir de suas concepções, estabelecer nexos e relações entre esses três campos do conhecimento, indagando, ao mesmo tempo, sobre suas contribuições para a participação sociocultural. Objetiva inferir sobre as consonâncias pedagógicas e culturais da Arte/Educação e da Educação Integral na perspectiva da educação popular para a participação sociocultural. É um estudo de base teórica, com referência em Canclini (1998), Barbosa (1989, 2005, 2009), Freire (1987; 1989), Brandão (2008) e Moll (2012). Nessa interface, conclui que a Arte/Educação e a Educação Integral popular são fundamentais para articular os saberes populares e eruditos, imprescindíveis à socialização da arte e à participação sociocultural para a constituição de sujeitos socialmente criativos. Afirma o potencial socioeducativo da educação integral popular para a criação de territórios educativos, o desenvolvimento pleno dos sujeitos e quicá a transformação da realidade fragmentada e excludente.

Palavras-chave: Arte/Educação; Educação Integral; Educação Popular

Consonâncias Culturais e Pedagógicas da Arte/Educação e da Educação Integral na perspectiva da Educação Popular

O presente estudo parte da visão ontológica freireana e gramscina de que a educação é algo que só vem pelas dimensões política, social e coletiva.

Paulo Freire (1987) e Gramsci (1982) refletem sobre uma educação que forme no indivíduo a consciência de que o conhecimento individual só terá valor em relação com o social quando atende, ao mesmo tempo, aos interesses individuais e coletivos. É nessa perspectiva que a educação, quer em nível coletivo ou individual, é hegemônica, pois tem como principal objetivo compreender as contradições existentes nas relações de classe.

Nessa perspectiva, toma-se a Educação Popular como fundamento e base para refletir a arte/educação e a Educação Integral, buscando, a partir de suas concepções, estabelecer nexos e relações entre essas três áreas, indagando-se, ao mesmo tempo, sobre suas contribuições para a participação sociocultural. Daí, objetiva-se inferir sobre as consonâncias pedagógicas e culturais da Arte/Educação e da Educação Integral na perspectiva da educação popular para a participação sociocultural. Trata-se de um estudo de base teórica, recorte da pesquisa do doutorado em Educação, intitulada "O Samba na Escola e a Escola no Samba: configurações de uma educação integral popular".

O campo epistêmico da arte/educação aqui situado está comprometido com a socialização da arte, uma arte de libertação, como defende Nestor G. Canclini e a responsabilidade social da arte como aborda Ana Mae Barbosa. Duas concepções condicionadas à produção do conhecimento artístico-estético, pensada à maneira da Educação Popular.

Entende-se que a Educação Popular começa com sua origem popular, herança formadora vinda do povo e das experiências educacionais nascidas da elaboração conjunta entre educadores e educandos em contraposição ao poder hegemônico da classe dominante, tendo a cultura popular como base de sua organização. Inscreve-se na luta por uma nova concepção de mundo e tendo em vista possibilitar a apropriação coletiva do conhecimento. Para Paulo Freire (1989), significa a educação como prática da liberdade, que se constitui como um ato de conhecimento e uma aproximação crítica da realidade, em que ressalta a emancipação dos oprimidos como resultado de sua própria práxis, de sua permanente luta e como grande conquista política.

O debate sobre a arte/educação no Brasil – no âmbito escolar ou não escolar – consociada com a arte popular requer dialogar com a práxis, ou seja, com o aporte teórico e a produção artístico-cultural. Essa práxis se constituiu por uma dupla via: conseguir reconhecimento para a Arte e a Cultura Visual do povo no âmbito das instituições e sociedades de elite e, ao mesmo tempo, conseguir reconhecimento para a Arte erudita, entre as comunidades populares buscando provocar o diálogo em ambos os contextos.

Comprometida com essa abordagem, Barbosa (2011, p. 297) afirma categoricamente que se deve a Paulo Freire "a ideia de arte para qualidade de vida e conscientização social". Nesse sentido, a autora assume a arte/educação comprometida com a responsabilidade social e, portanto, implicada com a arte popular. Barbosa (2011, p. 291) elegera nominar arte popular de "cultura visual do povo" ou ainda de

“culturas visuais do povo” para ligá-la à arte/educação ou ao ensino da arte.

Nessa abordagem, é necessário pensar a cultura artística constituída por um movimento pautado na diversidade cultural, na interdisciplinaridade e na interculturalidade, tomando como princípio fundamental a identidade cultural dos sujeitos a partir de sua história e do seu contexto sociocultural tendo em vista uma contra-hegemonia. Nesses termos, Barbosa (2005; p. 111) afirma que “a interdisciplinaridade é a condição epistemológica da pós-modernidade e a interculturalidade, a condição política da democracia”.

Para Brandão (2008), a proposta desafiante é fazer com que as experiências de culturas artísticas se intercomunique, possibilitando, por exemplo, misturar, no currículo escolar, Beethoven, Milton Nascimento, Villa-Lobos e uma Folia de Santos Reis para provocar diálogos interculturais. Uma proposta que a perspectiva contemporânea, tanto no âmbito artístico/estético como no pedagógico vem assumindo e denominando de multiculturalismo, interculturalidade, pluriculturalidade, etc. Essas categorias conceituais vêm gerando diversidades de interpretações, mas são consensuais nos tópicos diversidade cultural e identidade cultural.

Nessa interface conceitual, a identidade cultural para Barbosa (1998) é a necessidade de o sujeito ser capaz de conhecer a si próprio como um imperativo básico de sobrevivência e de construção criativa de sua própria realidade.

Esse *ser capaz de reconhecer a si próprio* remete à abordagem de Paulo Freire (1987, p. 159), o qual argumenta que os oprimidos só começam a reconhecer-se na sua identidade de sujeito social quando, superando a contradição em que se acham, se fazem “seres para si”. De tal modo, somente uma sociedade “sendo para si”, sociedade livre, poderá desenvolver-se culturalmente. Tal debate é fundamental para situar a tese de Canclini (1984) de que *a arte socializada é aquela que transfere para o público o papel de produtor*. Nesse sentido, a alfabetização artístico/estética, comprometida com essa perspectiva político-educativa, contribuiria com a possibilidade desse “público” “ser para si” – nos termos de Paulo Freire. No caso, essa conquista do “ser para si” seria o ter consciência de sua *identidade cultural* – nos termos de Ana Mae Barbosa.

Alinhada à concepção de educação como mediação artístico-cultural, Barbosa (2005), está engajada com o que consagrou Paulo Freire ao declarar que ninguém aprende sozinho e ninguém ensina nada a ninguém; aprendem-se uns com os outros mediatizados pelo mundo. A sua aposta, portanto, é que a arte/educação pode ser pedagogicamente a mediadora entre a arte e o público, visto compreender que a arte tem enorme *responsabilidade social* na mediação entre os seres humanos e o mundo. Para ela a mediação cultural é consequentemente social, pois “o esforço que se emprega para ampliar o contato, o discernimento, o prazer da população com a cultura que a cerca, resulta em benefícios sociais como qualidade das relações humanas e compreensão de si e do outro” (BARBOSA, 2009; p. 21).

Nessa concepção, a educação integral contemporânea se impõe para a consolidação de direitos das novas gerações frente às injustiças que persistem na educação pública. Sua base é constitucional pautada na universalização, na indivisibilidade, na permanência e aprendizagem. Portanto, toma a intersectorialidade como princípio político, e a formação plena do sujeito social como princípio pedagógico, objetivando a expansão dos horizontes de aprendizagem.

Nesse cenário, os programas de incentivo à educação integral vêm experimentando, de diferentes maneiras, o papel da mediação cultural e social como um movimento da arte para a participação social. Desse movimento sucedem, por exemplo, o macrocampo *Cultura e Arte do Programa Mais Educação*, o *Programa Cultura Viva* e o *Mais Cultura na Escola*, entre outros.

As experiências com arte/educação baseada na cultura da comunidade e na cultura escolar emergente dos projetos de indução de educação integral vem gerando um movimento de participação de mestres da cultura popular, de educadores populares, de artistas residentes, grupos de jovens, adultos e idosos podendo se constituir em um importante instrumento para uma identidade cultural. O depoimento de Berg, educador do Circo Social no Piollin – João Pessoa / bairro Roger –, é revelador desse entendimento:

A comunidade do Roger é acolhedora e tem muitos grupos culturais [...] a gente acaba participando de quase todos os grupos. Fiz parte de alguns grupos residentes como a capoeira, escola de samba, Ala Ursa, quadrilha [...], participei de cada um para conhecer de perto sua dinâmica e organização. O meu objetivo era dar prioridade ao trabalho da comunidade. Sempre me envolvi valorizando nossos grupos e foi a partir do que aprendi com cada um deles que cheguei ao Piollin e me encantei com a magia do circo. As aulas de circo me despertaram algo fenomenal. Fiz cinco anos de aula de circo onde passei a ser monitor das oficinas. Em 2010 completei oito anos e fui contratado pelo Piollin para ser educador. Hoje como educador social viajo para vários estados brasileiros ministrando cursos sobre o projeto de circo social desenvolvido pelo nosso grupo aqui na escola de circo social do Piollin. Digo que a minha escola de formação cultural foi o bairro Roger com a sua cultura residente. Essa é minha identidade que fortaleceu ampliar os saberes e práticas com diferentes sujeitos e espaços [...] (Trecho de entrevista com Berg, no Centro Cultural Piollin, em 07 de nov. 2016).

Neste relato, Berg se apresenta como sujeito refeito juntamente com o gozo de recriar e ampliar a capacidade de conhecimento da realidade, desenvolvendo sua identidade de classe, de consciência sobre a própria cultura sendo sujeito capaz de transformá-la. O seu depoimento corporifica o sentido atribuído Canclini (1998) sobre arte socializada que tem por finalidade deslocar o papel passivo do fruidor como consumidor para o papel ativo do fruidor, sujeito também produtor de arte. Essa concepção está associada à ideia de arte popular, de arte/educação libertadora, de autonomia e de identidade de classe.

Por essa ótica, compreende-se que a Educação Integral orientada pelas bases da Educação Popular pode vir a ser uma proposta educativa muito mais fortalecedora da qualidade da Escola Pública, uma vez que fomenta a educação política e considera a Educação como fenômeno social e histórico-cultural e que, portanto, exige incluir as crianças e jovens como sujeitos de direitos, cidadãos e partícipes dos processos de aprendizagem.

Incluí-los, mas ao modo de uma educação libertadora que implica ser, nos termos de Paulo Freire, uma educação dialógica e libertadora.

Aí está a origem da concepção de Carlos R. Brandão sobre educação integral que passa necessariamente sobre a ideia de cidade educadora.

A ideia é de uma cidade educadora, de fazer com que todo o bairro, toda pequena cidade, e até mesmo uma grande cidade, se transformem num múltiplo, polissêmico lugar de experiências e de intertrocas de saberes, de valores, de experiências de vida, de culturas, de culturas populares. E fazer com que a escola deixe de ser esse lugar trancado, que esse cenário de aulas só para os alunos se transforme num centro irradiador de cultura em diálogo constante com a comunidade (BRANDÃO, 2008; p.32).

Em boa medida, a proposta de *cidades educadoras* sonha a cidade toda fazendo currículo, sonha com o resgate das praças, das ruas, do cinema em bairros, das feiras culturais, do circo etc. Não na pretensão de tirar as crianças e jovens das ruas, mas de tornar as ruas e as

idades um território educativo.

Brandão (2008, p. 8) problematiza o diálogo da escola contemporânea com a cultura popular de sua cidade, de seu bairro e de suas comunidades educadoras a partir da seguinte indagação: "O que nessa comunidade, nesse bairro, onde nós estamos, nessa periferia, nessa zona rural, o que é vivido pelas pessoas? Isso é cultura popular viva. Não tem mais Congada, não tem Folia de Reis, mas tem hip-hop [...] nas periferias, bota então hip-hop". É, portanto cultura popular

[...] o que as pessoas estão vivendo, no seu cotidiano, no seu pensar, no seu sentir, no seu vivenciar, nas suas festas, nas suas celebrações, quantas coisas lindas estão acontecendo numa casa, numa igreja, às vezes, até num bairro, num campo de futebol, a vida cultural de uma comunidade e a escola, as vezes é impermeável a esses acontecimentos. Não há comunidade, não há lugar nosso que não tenha os seus criadores populares de cultura, é preciso tentar incorporar a experiência cultural que se vive na escola com a experiência que se vive na comunidade local (BRANDÃO, 2008; p. 8).

-

Necessário reforçar o *território educativo* sugerindo refletir como fazedores de currículos e que, portanto, devem ser estudados como tal.

Entre limites e tensões, conclui-se que a arte/educação e a educação integral articuladas com o sentido próprio da educação popular podem contribuir para: - ampliar processos de participação sociocultural contra-hegemônico necessários à superação da realidade denunciada; - possibilitar o protagonismo artístico-cultural marcados pela estética da cultura popular, tendo os artistas comunitários como ponto de partida e base de acumulação de poder popular; - criar redes socioculturais integrando práticas pedagógicas nos campos da proteção social, de prevenção à violência, assim como na proposição da permanência na escola com aprendizagem; - extrapolar o espaço escolar experimentando parcerias solidárias, intercomunicações pedagógicas; - explorar a cidade como território educativo; etc.

Nessa interface, considera-se a educação integral popular um projeto de sociedade com função educadora, no sentido do compromisso coletivo e permanente de formação, da promoção e do desenvolvimento de todos os seus sujeitos (MOLL, 2012), tendo em vista transformar a realidade excludente e fragmentada em um território educador.

Por fim, reforça-se a necessidade de compreender a arte/educação como área de conhecimento, movimento artístico cultural e disciplina, apontando a educação integral popular como propositivas para articular os saberes populares e eruditos, imprescindíveis à socialização da arte e à participação sociocultural para a constituição de sujeitos socialmente criativos por um mundo solidário e justo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae T. B. **Tópicos utópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. **Arte/Educação Contemporânea**: consonâncias internacionais (Org.). São Paulo: Cortez, 2005.

_____; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. S. Paulo: Ed. UNESP, 2009.

_____. A Cultura Visual antes da Cultura Visual. **Revista Educação**, Porto Alegre, v.34, nº3, p. 293- 301, set./dez. 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Viver de Criar Cultura, Cultura Popular, Arte e Educação. In: SILVA, René M. da Costa (Org.) **Cultura popular e Educação – Salto para o Futuro**. Brasília – BSB: SEED / MEC. 2008. p.25-38

CANCLINI, Nestor Garcia. **A Socialização da Arte**: teoria e prática na América Latina. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MOLL, Jaqueline. **Caminhos da educação Integral no Brasil**: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto alegre: Penso, 2012, p. 129-148.XX